

RESPONSABILIDADE SOCIAL EMPRESARIAL CIDADANIA NA ARTE DOS NEGÓCIOS

Pedro Pereira

Este texto foi escrito por Pedro Pereira e apresentado como trabalho de conclusão da segunda edição do Programa Profissão Desenvolvimento, realizado pelo Instituto Fonte pelo Desenvolvimento Social – www.fonte.org.br. Contatos com o autor podem ser enviados para pedropereira@jbr.eng.br.

“Salutar só é quando no espelho da alma humana se forma a comunidade inteira e na comunidade vive a força da alma individual. Eis o princípio da ética social”
Rudolf Steiner

A questão da Responsabilidade Social Empresarial é tema recente, polêmico e dinâmico, envolvendo interesse, não só dos empresários, mas de toda sociedade. A Responsabilidade Social Empresarial manifesta-se com a mudança de preceitos da sociedade pós-revolução industrial. O modelo de desenvolvimento e crescimento econômico da fase anterior, começa a ser discutido e debatido mais fortemente logo após o desastre que a segunda guerra mundial provocou, evidenciando-se ao final da década de 60, uma nova postura nas relações empresariais.

Neste tempo de contrastes, paradoxos, controvérsias e profundas desigualdades sociais, realidade herdada desde o advento da Revolução Industrial (metade do século XVIII e XIX), com a implantação de técnicas de produção e consumo predatórias que provocaram grande impacto das atividades humanas sobre os sistemas naturais, e radicalizaram enormemente o impacto do homem sobre a natureza, surge um novo referencial de gestão das empresas, fundamentado em uma nova cultura empresarial baseada em pilares como ética, cidadania e solidariedade.

Fruto desse amadurecimento e de fortes pressões sociais geradas inclusive pelo inexorável fenômeno da globalização, as organizações foram impelidas a buscar novos atributos de gestão fundamentados em princípios da boa governança corporativa e nas práticas de responsabilidade social. Um novo relacionamento com as diversas partes interessadas no contexto empresarial vem sendo gradativamente incorporado pelas empresas: o reconhecimento do valor humano como fundamento do sucesso empresarial, o respeito ao meio ambiente, a busca de uma sociedade mais justa e uma organização empresarial que dê maior significado aos seus lucros, onde não apenas os acionistas sejam contemplados, mas também, seus colaboradores, fornecedores, clientes e a sociedade, num jogo de variáveis que conduza a um resultado de ganho para todos, não só para a geração atual, mas também para as futuras gerações.

Percebe-se hoje uma nova postura das organizações empresariais ao incluir em seus fundamentos estratégicos a agregação de valor ao negócio, reconhecendo a Responsabilidade Social Empresarial como um fator importante de competitividade e permanência no mercado.

A sobrevivência empresarial num ambiente de acirrada concorrência passou a depender de como a estratégia de negócios lida com essas relações de modo a se obter um eficiente desempenho que leva a preservação das empresas no mercado e na sociedade.

Os relacionamentos com os diversos atores sociais contemplam novos enredos não apenas cordiais, salutareis, simpáticos, mas verdadeiramente comprometidos com ações concretas, visando a geração de valor para todos. Não cabe mais que as relações com os colaboradores da empresa e sua realidade como ser humano sejam limitadas ao pagamento de salários e obrigações definidas em leis. Não cabe mais que uma empresa produza impunemente a destruição do meio ambiente. Não cabe mais que a convivência e as relações com as comunidades desassistidas do entorno da empresa não sejam objeto de negociações transparentes e legítimas para que também possam almejar uma vida mais digna. Não cabe mais...

A empresa socialmente responsável, comprometida com o desenvolvimento sustentável nas dimensões econômica, social e ambiental, pode facilitar, a partir de um olhar que perceba as potencialidades existentes na comunidade, ações sustentáveis de melhoria das condições sociais existentes. Ações que valorizem as pessoas, suas aptidões, habilidades e competências, estimulando o agir coletivo, facilitando o desenvolvimento para que a própria comunidade seja agente das transformações sociais que necessita. Elas devem estar fundamentadas em práticas que levem a um maior empoderamento das pessoas e que vá além do “entregar o peixe” ou “dar o anzol”, e sim que possibilitem o aprendizado das pessoas para “fabricarem os seus próprios anzóis para a pesca” e assim, possam buscar o seu sustento e construir um futuro mais saudável para todos.

Neste tempo de contrastes surge um novo referencial ético. Este novo pensar, em que a arte dos negócios torna-se cidadã, é um caminho sem volta. Quando compreendida em sua essência é lucrativa para a empresa e para a sociedade. A empresa ganha reconhecimento público, fortalecimento de sua imagem, fidelidade dos clientes, geração de mídia espontânea, maior empenho e motivação dos colaboradores, novos mercados e clientes, acréscimo de vendas, melhor desempenho operacional. A sociedade ganha pelas transformações sociais possibilitadas pelas práticas das empresas que adotam uma postura socialmente responsável. É um jogo onde não há perdedores.

A empresa cidadã, ao assumir a sua co-responsabilidade na solução dos problemas das desigualdades sociais, oferece um exemplo de visão que se contrapõe à postura puramente mercantilista, aquela que privilegia o capital, em detrimento do respeito com as gerações atuais e futuras, de ser apenas e simplesmente geradora de riqueza para os seus acionistas, mas também empreendedoras de transformações sociais.

A busca da excelência pelas empresas passa necessariamente por reconhecer como objetivos a qualidade nas relações e o desenvolvimento sustentável a partir de uma visão social trimembrada, onde a saúde de suas ações pressupõe uma diferenciação e equilíbrio no âmbito da vida cultural, econômica e jurídica. Compreendendo que o modelo de crescimento herdado da Revolução Industrial produziu vários resultados positivos, mas trouxe também, em seu rastro de egoísmo, a entropia social que tanto mal tem causado ao nosso planeta.

Muito se tem falado de desenvolvimento sustentável. A Comissão Brundtland, das Nações Unidas, assim definiu: “*Satisfação das necessidades atuais da sociedade, sem comprometer a possibilidade de atendimento às gerações futuras*”

Conceito introduzido na década de 80, demorou a ser compreendido nos meios sociais, principalmente no âmbito político, o que só veio a ser consolidado no Brasil, pelas organizações governamentais que participaram da Conferência Rio-92, ao estabelecer uma relação de interdependência entre desenvolvimento e meio ambiente com direitos e obrigações individuais e coletivas de todos os atores sociais para possibilitar reverter a grave situação de degradação dos recursos naturais.

Muito ainda há que se falar. O caminho da sustentabilidade passa essencialmente por cada um de nós, pelas empresas e demais atores sociais. O desafio é que todos indistintamente assumam a responsabilidade de adotar novos padrões de consumo, saindo do “piloto automático” impulsionado por atos compulsivos ou de publicidades da mídia. O desafio é que cada um, re-signifique o destino de seus recursos financeiros para aquisição real do que necessita. O desafio é que as empresas com o seu poder de influência, também, disponibilize parte de seus lucros para possibilitar as transformações sociais que o mundo requer.

Como a sustentabilidade pode ocorrer se tantos ainda têm um conceito equivocado de lucro? Um exemplo, vale destacar. Outro dia um jornalista me fez duas perguntas que me alertaram para o problema: o quanto agrega de lucro para a empresa a criação de uma entidade como o Instituto Maria Madalena Oliveira Cavalcante – IMMOC¹? O quanto agrega de lucro uma solenidade de entrega de certificados de conclusão de curso do Projeto Futuro Digital, patrocinado pela JBR?

Confesso que fui tomado de surpresa! Não esperava estas perguntas. Não me fiz de rogado, respondi: com as ações que você cita, a JBR, tem um ganho que vai além daquele que é inerente à primeira obrigação do existir de uma empresa, a obtenção de lucro. Ela lucra com a oportunidade de dar maior significado ao trabalho. Lucra pelo sentido de alegria que toma conta de todos os que fazem a empresa. Lucra pelo sentimento de préstimos à comunidade. Ganha vida. Ganha alma. Ganha amor. Humaniza-se. Torna-se cidadã.

As perguntas daquele jornalista levaram-me a uma reflexão mais profunda sobre o significado do lucro. Que conceito de lucro elas carregam? Aquele que só é expresso por números? Que valor tem o lucro se ele não trouxe um novo olhar, um exercício de re-significação, onde não só os acionistas são contemplados, mas também os colaboradores, fornecedores, clientes, parceiros e a comunidade?

Que valor tem o lucro se ele não possibilita um exercício de fraternidade entre todas as partes interessadas no contexto social da empresa? Que valor tem o lucro se você “se perde de si mesmo, se você se esquece do Ser que lhe faz ser?”

Aquelas perguntas reforçaram em mim, que a caminhada é longa para se atingir a sustentabilidade, os desafios são gigantescos e não cabe mais ficar de braços cruzados numa atitude passiva, diante de tão graves problemas sociais - fome, miséria, violência,

¹ Instituição sem fins lucrativos, mantida pela JBR Engenharia, organização que dirijo, cujo objetivo é atender a comunidades desassistidas do entorno da empresa.

desemprego, educação básica inadequada, que requerem soluções imediatas, sob pena de todos, sem exceção pagarem um preço muito alto pelo descaso com aqueles que rumorejam na imensa planície do desamparo.

Urge que cada um faça a sua parte. Urge que cada um se dê as mãos. A nossa sustentabilidade, a minha, a sua, a dele, a do planeta, pressupõe a cooperação plena e não a competição predatória de interesses individuais acima do coletivo, da busca do levar vantagem sobre o direito do outro e sim pelo compromisso ético de atender ao todo integrado num jogo de variáveis que valoriza a busca de práticas para que todos possam ganhar.

Como partes inseparáveis do universo, não somos apenas responsáveis por nós, mas por tudo que nos cerca e por tudo que fazemos. Iluminado, Martin Luther King nos ensinou: *“Todos os homens estão presos em uma rede inevitável de mutualidade, atados em um único tecido de destino. Qualquer coisa que afete um indivíduo diretamente afetará todos os demais indiretamente. Eu nunca poderia ser o que eu deveria ser, até que você seja o que deveria ser. E você nunca poderá ser o que você deveria ser, até que eu seja o que eu deveria ser.”*

Por mais estranho que possa parecer, temos que aprender a cuidar de nós mesmos à medida que cuidamos dos outros. O lucro, não deve ser medido apenas por números, mas re-significado, deve ser medido também pela intensidade da felicidade que cada um de nós carrega em nossos corações, quando destinado para atender não só às nossas necessidades, mas também, às necessidades do outro.

O que falta então para que ocorram as transformações sociais na dimensão que o mundo necessita? Talvez, seja vontade aliada à força do fazer acontecer para efetivamente promover o desenvolvimento sustentável que requer Pernambuco, o Nordeste, o País e o Mundo. A sustentabilidade só se realiza pela ação de todos.

Já dispomos de conhecimento suficiente, diagnósticos bastante razoáveis com evidências dos problemas e tecnologias adequadas para implementar ações que levem a reverter os baixos índices de desenvolvimento existente. Nada justifica adiar as intervenções que já sabemos necessárias para enfrentar a pobreza e as desigualdades sociais daqueles que rumorejam na imensa planície do desamparo.

O desenvolvimento sustentável deve ser caracterizado como um objetivo de todos os atores sociais - empresas, empreendedores, governo, universidades, ONGs, a sociedade como um todo - que para alcançá-lo, necessita de uma visão fundada na nobre decisão da busca da melhoria de vida não só para a geração atual, mas também para as futuras gerações que irão nos substituir, onde nenhuma ação é desenvolvida se a intenção maior de “fazer o bem comum” não estiver alinhada com todos.

A iniciativa privada, pelo seu poder de geração de recursos financeiros, de mobilização de competências multidisciplinares e pela capacidade de implementar ações, tem um papel fundamental na solução das questões sociais, podendo contribuir sobremaneira para a preservação do meio ambiente e da melhoria das condições de vida dos menos afortunados.

Ao assumir a co-responsabilidade na solução desses problemas, as empresas ganham visibilidade e reconhecimento da sociedade, assumem uma postura de empresa-cidadã, desmistificam a visão de ser pura e simplesmente geradora de riqueza para os seus acionistas, mas também empreendedoras de resultados sociais. Comprometidas com ações transformadoras para a viabilização do desenvolvimento sustentável, possibilitando vida mais digna, principalmente para os milhões de seres humanos que sem recursos, sem meios, sem as mínimas condições humanas, vergam na maior de todas as violências: a violência da suprema fome.

A solução dos problemas sociais, vale repetir, é tarefa de todos. As empresas podem de forma planejada e articulada multiplicar recursos financeiros, evitando a sobreposição de ações e desenvolvendo parcerias com os diversos atores na busca do resgate de tão grande dívida social. Várias iniciativas estão sendo desenvolvidas na região, o desafio para erradicar ou minimizar as problemáticas existentes, requer um engajamento muito maior, não só das empresas, mas também do governo e da sociedade.

Vale destacar o pioneirismo de Pernambuco no nordeste com a criação de uma entidade sem fins lucrativos que congrega as empresas comprometidas com o desenvolvimento sustentável da região. O Instituto Ação Empresarial pela Cidadania Pernambuco promove de forma sistemática o fomento da responsabilidade social empresarial e da cidadania empresarial, tornando-se um fórum no qual as empresas discutem, debatem e trocam experiências bem sucedidas na prática de ações cidadãs.

É louvável o trabalho realizado pelo Instituto no estímulo á formação de redes articuladas que contribuam com ações voltadas para a igualdade social e para o desenvolvimento sustentável nordestino, contribuindo, inclusive, para a formação de empreendedores sociais.